

TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: AÇÕES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

<https://doi.org/10.5902/2318133895024>

Mariglei Severo Maraschin¹

Resumo

Este memorial foi apresentado à Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial à promoção funcional à Classe de Professor Titular da Carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Nele, são descritas e problematizadas a formação, as vivências e experiências enquanto trabalhadora, seja como técnico-administrativo em Educação ou como professora da Educação Básica e da Educação Básica, Técnica e Tecnológica. Ao rememorar sobre a educação e o trabalho pedagógico desenvolvido ao longo dessa trajetória, perpassará também, as diferentes políticas implantadas sejam pelos governos, sejam pelas instituições que trabalhou. A partir das construções teóricas e práticas destacadas, defende-se que o trabalho pedagógico na educação profissional, se constitui em ações, relações e transformações.

Palavras-chave: trabalho e educação; trabalho pedagógico; educação profissional e tecnológica.

PEDAGOGICAL WORK IN PROFESSIONAL EDUCATION: ACTIONS, RELATIONSHIPS, AND TRANSFORMATIONS

Abstract

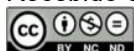
This memorial was submitted to the Federal University of Santa Maria as a partial requirement for functional promotion to the rank of Full Professor in the Career of Basic, Technical and Technological Education. It describes and problematizes the academic and professional education, experiences, and trajectory as a worker, both as a technical-administrative staff member in education and as a teacher in Basic Education and in Basic, Technical and Technological Education. In revisiting education and the pedagogical work developed throughout this trajectory, the memorial also addresses the different policies implemented by governments as well as by the institutions in which the author worked. Based on the theoretical and practical constructions highlighted, this memorial argues that pedagogical work in professional education is constituted through actions, relationships, and transformations.

Key-words: work and education; pedagogical work; professional and technological education.

¹ Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mariglei@ctism.ufsm.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9705-1896>.

Crerios de autoria: a autora realizou a concepção, criação e consolidação do texto.

Recebido em 27 de dezembro de 2025. Aceito em 10 de janeiro de 2026.



<i>Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.</i>	Santa Maria	v. 15	n. 24	e95024	2026
--------------------------------------	-------------	-------	-------	--------	------

Apresentação

O NÓS a que me refiro inclui-me imediatamente num processo objetivo, exterior a mim e a qualquer outro homem, cuja validade não necessita confirmação para mim porque eu é que sou a confirmação dele. O meu existir como ser histórico, como indivíduo em comunidade social, é conhecido imediatamente por mim, e, portanto, fornece o ponto de partida para o raciocínio que procura entender o fenómeno do conhecimento, não por uma evidência interior, mas por uma experiência exterior, social, histórica, que supera toda dúvida que pudesse levantar a respeito dela, ao me mostrar que esse ato de duvidar não afeta em nada a vivência do meu pertencimento ao processo que me envolve (Pinto, 1969, p. 17).

E escolho este excerto que fala do nós, do existir histórico e do filósofo Álvaro Vieira Pinto, um dos autores que me identifico enquanto professora e pesquisadora, para iniciar este memorial que visa apresentar, o relato da minha trajetória acadêmica e docente com o objetivo de alcançar a Classe de Professor Titular, classe mais elevada da carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT.

Pinto (1969), debate a ciência, a pesquisa, o trabalho do pesquisador e o compara a construção da existência. No capítulo XV, destaca o trabalho e a transformação das condições da existência e o trabalho científico, ou seja, do pesquisador como fator de transformação das condições da existência. Destaca também o trabalho como construção do próprio homem.

Por efeito dessa inapelável repercussão, o homem de ciência deve ser o analista das projeções do seu trabalho, avaliando-o pelo prisma da contribuição que traz às partes em contenda no espaço social. Compreenderá que, mesmo contra a vontade, o trabalho que executa o vai situando dentro de uns dos campos em que se divide o meio social, e, ainda que disso não tenha consciência nem deseja tal resultado, atribui-lhe fisionomia ideológica, caracteriza-o entre os diversos pendores do pensamento existente em sua época, o que não está ao seu alcance recusar ou dissipar, mas se cumpre independente da vontade, por força das consequências objetivas da obra, das ideias engendradas e das condições a que se submete, para conservar a posição de trabalhador científico. O trabalho configura o trabalhador, pois se inscreve na sua biografia como aquilo de que ele é o autor e de que tem portanto a responsabilidade, a qual não se limita apenas à ordem moral, o que seria um valor subjetivo, mas adquire conteúdo objetivo ao se definir pelos seus efeitos sociais. O trabalho científico configura-o como aquele que sabe tal coisa, que fez, disse ou pensa assim, e determina-o nas suas possibilidades humanas, tornando-o prisioneiro do valor da obra que produz (Pinto, 1969, p.352).

É justamente avaliando a obra que produzi, nesses 26 anos de trabalho como professora, em todas as etapas da Educação Básica, no Ensino Profissional, superior e pós graduação, que verifico que o nós é mais forte, porque em toda a minha vida eu busquei a coletividade, busquei estar em grupo e contribuindo para a transformação dos estudantes que a mim foram confiados.

Daquela professorinha que optou ainda no Ensino Médio pelo curso de Magistério e que ao término já a habilita para iniciar a trabalhar com séries iniciais a professora que constitui seu grupo de pesquisa e realiza-se por ver diferentes sujeitos tornando-os pesquisadores e assumindo a pesquisa como princípio de sua vida, há muitas lutas, conquistas e frustrações.

A figura que abre este memorial é a referente as lembranças da infância e da formação no magistério.

Figura 1 -

Da infância a formação no magistério.



Fonte: arquivo pessoal.

A segunda figura retrata os integrantes atuais do Grupo de Pesquisa: Grupo Transformação. Este grupo representa muito do meu trabalho atual e de meu trabalho, enquanto formadora de pesquisadores.

Figura 2 –
Integrantes do grupo de pesquisa ano 2025.



Fonte: arquivo pessoal.

Parecia algo tão longe chegar no último nível da carreira! Mas eu pisquei e esse dia de escrever meu memorial chegou. É com tanta felicidade que faço as escolhas para demonstrar meu caminho e mais do que, apresentar a minha obra, procuro refletir sobre a Educação e o trabalho pedagógico desenvolvido ao longo dessas inserções, e não ficará de fora as diferentes políticas implantadas sejam pelos governos, sejam pelas instituições que trabalhei.

Ao avaliar minha carreira consigo dividi-la em três fases. A primeira, antes da Rede Federal, de 1998 a 2007, a segunda como pedagoga técnica (2008-2009) e a terceira como professora EBTT (2010-2025). Todas estas fases, comprometida com as instituições, com meus estudantes e com a produção acadêmica. A partir dessa memória consigo ver uma profissional totalmente engajada, não satisfeita apenas com o cumprimento da sua carga horária.

De estudante de escola pública a defensora da educação como direito há muita consciência de classe e paixão por ver os sujeitos alcançarem novos patamares pela educação e trabalho.

Assim, neste memorial entrego uma trajetória, reflexões, mas acima de tudo um compromisso de buscar o melhor, de promover transformações e de acreditar que é possível pelo estudo, pelo engajamento lutar e fazer acontecer políticas públicas para a classe trabalhadora. Ao rememorar, me coloco como uma militante da EJA, uma pedagoga que defende o trabalho pedagógico crítico e denuncia o trabalho pedagógico ingênuo e que luta por políticas públicas inclusivas de EPT que promovam de fato, na práxis, o acesso, a permanência, o sucesso e a inclusão. Observo que minha existência é acompanhada de teoria e lutas, de sofrimento por vezes de não conseguir o que acredita, mas o refazer-se diário. Hoje concordo, com um palestrante que ouvi quando estava na escola particular que professor é a única profissão que sai da escola triste porque não acredita que escolheu esta profissão e volta no outro dia totalmente animado querendo fazer diferente.

Tenho muito a agradecer a minha família, em especial a minha mãe que juntava moedas para comprar gibis para eu ler quando estava aprendendo a ler a escrever, que me dizia que precisava estudar para não ser como ela dependente do marido, a minha tia que falou que era bom fazer o magistério porque já poderia começar a trabalhar e a todos as professoras que tive. No momento só lembro de professoras que me motivaram, me cobraram e me inspiraram a ser uma educadora e uma pesquisadora. Devo citar o nome de algumas porque elas foram imprescindíveis: Gilse, Deise, Lídia, Dalva, Ana Rosa, Cláudia e Liliana – minhas alfabetizadoras de séries iniciais e minhas orientadoras do magistério, graduação, especialização, mestrado e doutorado.

Trajetória antes da docência na educação profissional e formação acadêmica

Em 26 de novembro de 1978, em Santa Maria, nasceu Mariglei Severo. Filha de um rosariense – Adalberto Ferrão Severo – e uma santa-mariense – Eloí Severo. O pai dedicou sua vida ao trabalho de motorista e a mãe a ser administradora do lar – cuidar da casa e seus três filhos: Mariglei a primogênita, Maurício Severo – servidor técnico-administrativo da UFSM e Mariane Severo, a caçula – administradora e trabalhadora do setor privado. Na família, pela educação de meus pais, recebemos o valor de estudar. Da escola da comunidade a cursos técnicos, graduação e pós-graduação encontraríamos os meios e as oportunidades para decidirmos uma profissão. Felizmente, vivemos um tempo de políticas de expansão do ensino público, e por isso acessamos educação e oportunidades de trabalhar na educação e gestar políticas públicas para sujeitos trabalhadores.

Diferente de nossos pais que nasceram no interior, longe dos bancos escolares, e que estudaram até a 5ª série, pai no Campo Seco, que acredito até hoje os filhos dos moradores precisam acessar os bairros para estudar, e a mãe no Passo da Capivara, que tinha escola até 3ª série. Hoje existem escolas municipais, estaduais, federais e particulares mais acessíveis a todos. Algo muito marcante para mim era chegar na casa do meu avô no interior de Rosário do Sul e encontrar a professora morando na casa dele ou sua esposa, mesmo sem formação assumindo o ensino das crianças. Adorava brincar naquela sala de aula que tinha classes e cadeiras de escola, mas teto de palha e chão de terra. Ali iniciava meu prazer de mexer em livros e escrever em quadros e minha revolta pela educação não ser de qualidade e acessível a todos.

Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.	Santa Maria	v. 15	n. 24	e95024	2026
-------------------------------	-------------	-------	-------	--------	------

Minha revolta, também, porque minha mãe não pôde estudar. Era até a série que tinha na escolinha do interior, do lado da igreja e do salão. Ir para a cidade uma menina poderia se perder e além do mais, tinha muito a trabalhar e contribuir com o cuidado dos irmãos. Talvez por isso também, hoje, ao ler referências feministas eu me reconheça na luta de minha mãe, da minha vó, das minhas tias. Talvez, tão instintivamente, minha mãe nos cobrava tanto ir para a escola, dar o nosso melhor, ler e reler para vencer também as suas lutas.

E por falar em ler, hoje depois de uma grande caminhada nos diferentes níveis de ensino, entendo meu amor aos livros, além do olhar cuidadoso de minha mãe em incentivar a leitura encontrei o olhar carinhoso e incentivador de D. Helda – uma bibliotecária da minha primeira escola. Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Réus. Atualmente funciona no prédio desta escola a Escola Estadual de Educação Especial Dr Reinaldo Fernando Cóser. Nesta escola, havia uma biblioteca e a bibliotecária passava de sala em sala implorando para os estudantes frequentar e ler. Eu consegui a excepcionalidade de trocar o livro todo o dia porque lia um livro por dia. Enquanto algumas crianças iam uma vez por semana ou nunca, eu pegava livro todo o dia, era conhecidíssima da professora e acredito que tenha lido todo o acervo. Depois de algum tempo como professora cheguei a brigar na escola particular que trabalhava porque lá as crianças podiam retirar livro de 15 em 15 dias. Um retrocesso, comparado a minha vivência.

Figura 3 –
Escola do ensino fundamental.

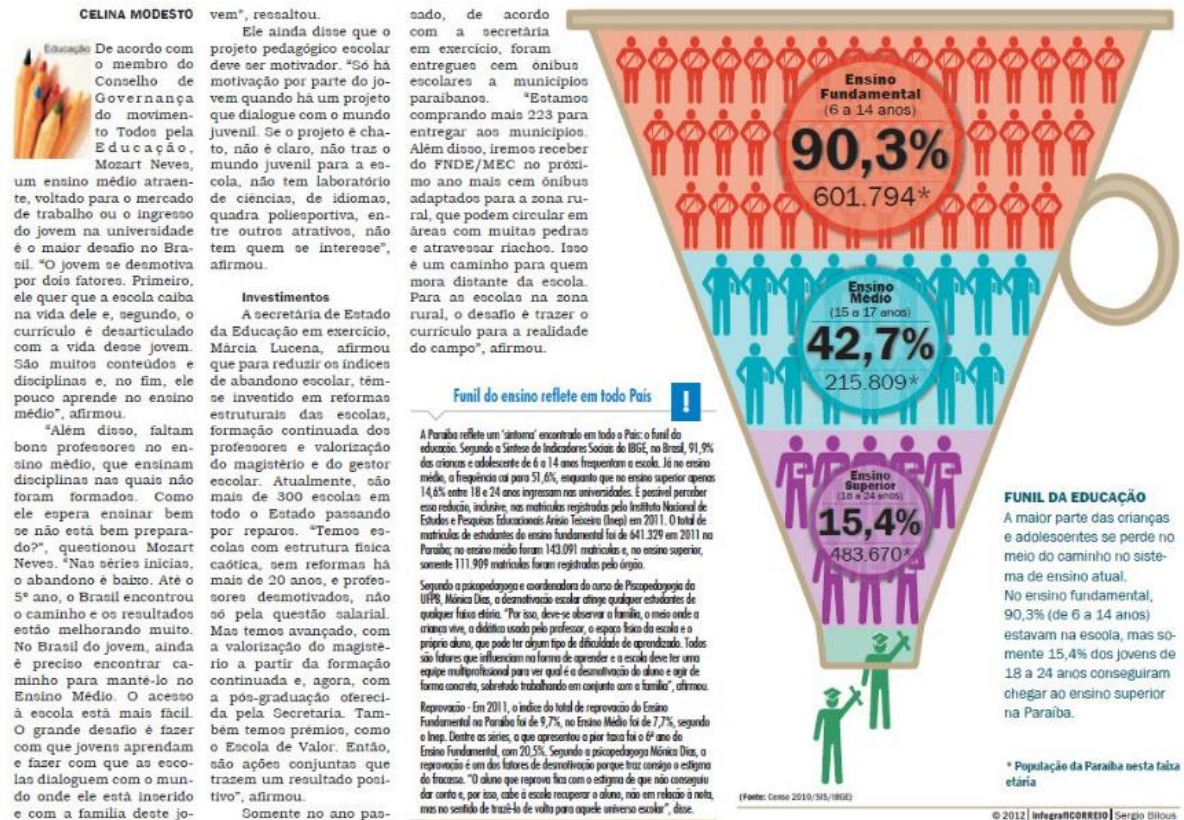


Fonte: internet.

Ao relembrar o meu ensino fundamental, além de perceber que herdei a luta por acesso a bibliotecas e incentivo livre a leitura ali naquele coléginho como muitos chamavam conheci professores engajados em um trabalho pedagógico que incentivava o estudo, as feiras de ciências, o esporte – a Educação Física era ministrada por professores vibrantes que incentivavam a prática do futebol, do vôlei, da corrida, do salto em altura e da dança.

Ali fui feliz, vivi muitas experiências, convivi com colegas, era longe de casa e o ir e voltar da escola já era uma aventura. Ali verifiquei o funil estudado no magistério iniciavam muitos e as turmas iam diminuindo.

Figura 4 –
Exemplo de funil educacional.



Fonte: <https://ensinopersonalizadovp.blogspot.com/2012/12/o-funil-da-educacao.html>. Acesso em 21/05/2025.

Fiquei da pré-escola ao 8º ano na escola municipal. Dos 7 aos 15 anos e no final do ano de 1993 uma importante decisão: o que fazer no então 2º grau? Por influência de minha tia resolvi prestar seleção para cursar Magistério na escola tradicional de Santa Maria – Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac. Sem muito entender a opção passei por um processo seletivo com muitos candidatos e fui aprovada para cursar o Curso Normal ou Magistério. Ainda reticente pela escolha de ser professora me aventurei no curso, no qual posso dizer que foi um curso integrado e de formação integral e que contribuiu significativamente para minha formação. Nas aulas do Bilac vivi meu Ensino Médio integrado com um curso de formação de professores. Ali aprendi a pensar integrado, a trabalhar em grupo e a pensar construtivamente a formação dos estudantes a mim confiados. Pelas ruas e na escola juntávamos e carregávamos caixas, tentávamos criativamente transformar sucatas em jogos e despertar nas crianças o desejo de aprender. As aulas de Psicologia, Sociologia, Didática, Educação Física me desafiavam a pensar e a construir uma educação emancipadora. Hoje não faria uma escolha diferente e faria com mais convicção, pois uma filha da classe trabalhadora teria que optar por uma formação que a possibilitasse a trabalhar após o término do Ensino Médio.

Vivi o Bilac com intensidade, com amor à Educação, fui estudiosa, leitora e hoje reconheço em mim os valores que ali aprendi: valorização da história da Instituição, trabalho e pensamento integrado, criatividade e inovação. O IEEOB naquele momento era uma escola de referência, a escola mais antiga do RS, que formava da Educação Infantil ao Magistério e que no centro da cidade acolhia a todas que sonhavam em ser normalistas.

Figura 5 –

Foto do Instituto de Educação Olavo Bilac² 2007.



Fonte: Diário de Santa Maria 2021.

É muito triste, para mim hoje, passar pelo Bilac e ver quanto está abandonado. O que terá acontecido? Algumas reflexões sobre o Curso Normal e a Escola Olavo Bilac destaco no prefácio do livro *Curso Normal: historicidade e desafios para o trabalho pedagógico na escola* (Braido, 2021).

² Para conhecer 120 pontos históricos do IEEOB ver: <https://claudemirpereira.com.br/2021/09/instituto-estadual-de-educacao-olavo-bilac-120-fatos-historicos-que-marcaram-os-seus-120-anos-por-jane-crivellaro-becker/> Acesso em 17/05/2025

Figura 6 –

Foto do Instituto de Educação Olavo Bilac atualmente.



Fonte: internet.

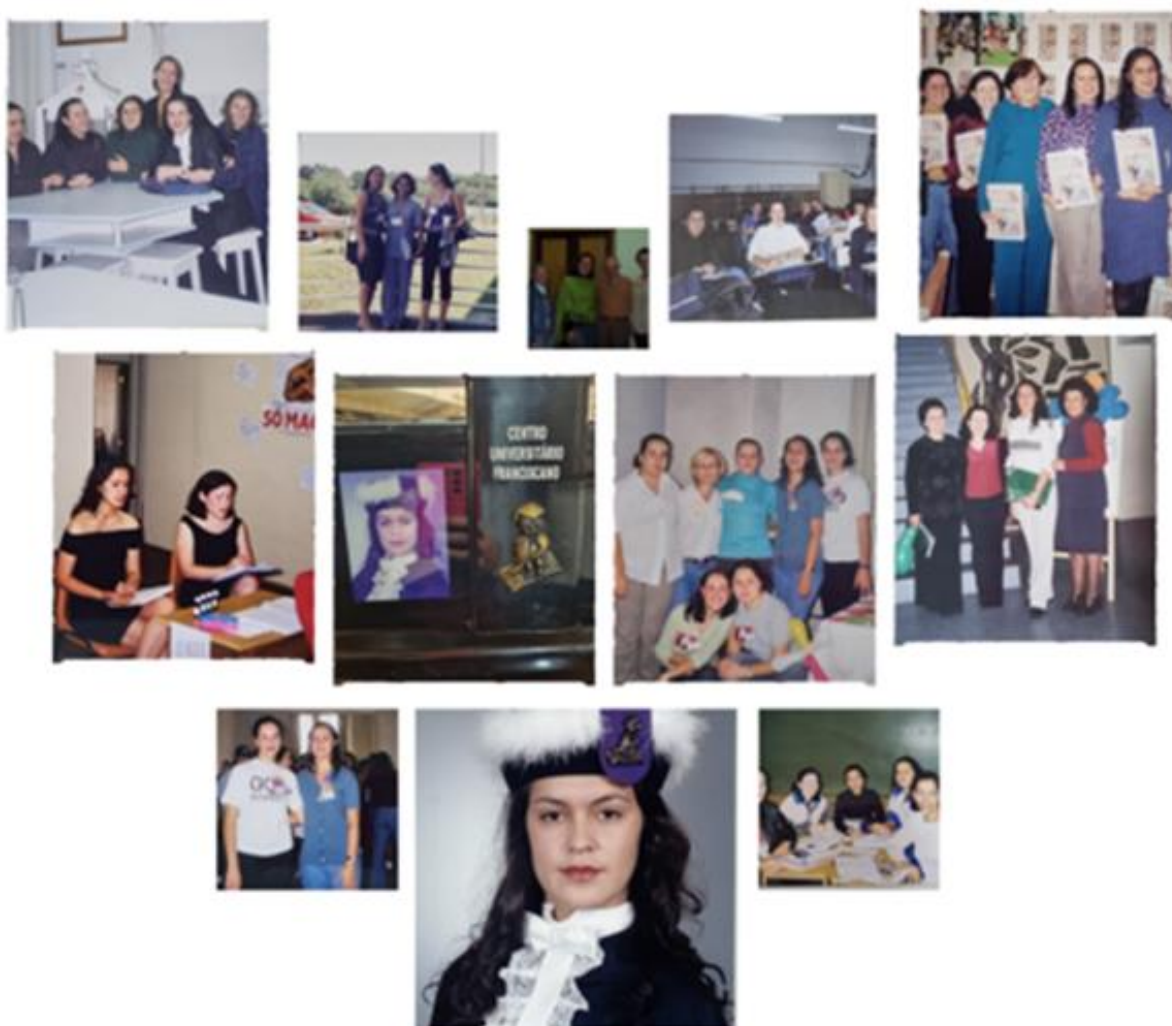
A realização do Curso Normal de 1994 a 1997 me permitiu realizar o estágio na Escola Antônio Alves Ramos no ano de 1997. Viver um semestre na escola foi algo maravilhoso e de muita aprendizagem. Identifiquei-me tanto com a escola que ao terminar o estágio era constantemente chamada para substituir professores e no ano de 1999 fui chamada para substituir uma licença e em agosto fui contratada para assumir uma turma. Trabalhei com terceiro e quarto ano. Fiquei seis anos na alfabetização – que foi algo que me realizou muito, depois na segunda-série. Ali, na escola particular formei meus valores de trabalhadora – alguém totalmente comprometida e dedicada aos estudantes.

Sou eternamente grata a gestão da escola por me proporcionar vivências e oportunidades de crescer como profissional e pessoa. Tive oportunidades de viver grandes projetos, de aprender sobre valores e de olhar para meus estudantes como seres em construção. Fiquei de 1999 a 2007 trabalhando com as séries iniciais na escola particular.

Concomitante a este trabalho cursei Pedagogia no então Centro Universitário Franciscano. Tive que optar pelo curso na universidade particular, pois neste espaço-tempo não haviam cursos noturnos na universidade pública. Precisava ser uma trabalhadora estudante. Trabalhava de dia e estudava a noite.

No primeiro ano de faculdade, em 1998, precisei tornar-me estagiária da prefeitura municipal, um estágio pelo Ciee. Esta foi minha única experiência na Educação Infantil. Foi um grande desafio, assumir-se professora de berçário em uma escola com poucos recursos e com crianças em vulnerabilidade. Neste momento, pensei e repensei se queria realmente ser professora, pois eram desafios diários e um não encontro na gestão de estratégias coletivas para a construção de um projeto pedagógico para aquelas crianças e aquela realidade. Felizmente, encontrei colegas engajadas e conseguimos construir um projeto para nossa turma e foi a minha primeira experiência de pesquisa. Ali percebi que o professor será sempre um pesquisador e é através da pesquisa que encontramos estratégias de sobrevivência e valorização na profissão.

Figura 7 –
Atividades na graduação.



Fonte: arquivo pessoal.

Concomitante a formação em Pedagogia, em 1999, cursei dois semestres do curso de licenciatura em Filosofia. Uma experiência muito traumatizante para mim que sonhava em estudar na universidade pública. Opto por não falar mais detalhes, mas compreendo que hoje meu envolvimento com o projeto de Apoio Pedagógico e com a luta para um trabalho acolhedor também na universidade e que olhe para a evasão vem dessa vivência.

Também concomitante a faculdade, uma experiência que vai marcar toda a minha trajetória – foi ser alfabetizadora do Programa Mova/RS³. Eis aí uma temática que perpassará todos os meus estudos até o momento. Montar uma turma em um espaço comunitário e conviver com jovens e adultos que não sabem ler foi um divisor de águas na minha vida. Nesta vivência aprendi diariamente, precisei buscar Paulo Freire e me realizei a cada letra decifrada por meus estudantes, principalmente pelo seu José – um senhor que

³ A figura 8 constitui diferentes ações como docente: escola particular, experiência no Mova, rede estadual, estagiária da prefeitura.

frequentava a igreja e pegava o folheto por vergonha. O dia que adentrou na igreja e disse que agora não era mais cego foi um dos dias mais importantes da minha vida, pois vi o sentido da transformação pela leitura, na vida de um senhor que já era aposentado e nunca teve a oportunidade de ir à escola.

Figura 8 –
Atividades de professora antes da educação profissional.



Fonte: arquivo pessoal.

Formei-me em Pedagogia em 2001 e no ano seguinte segui cursando uma especialização – Gestão Estratégica do Conhecimento nas Organizações. Nestas duas formações vale destacar minhas produções orientadas pela professora Ana Rosa Zurlo Dellazzana. O TCC – *Aprender ensinando: percepções sobre o aprender a aprender* – e monografia – *A aprendizagem na educação de jovens e adultos da rede municipal de Santa Maria*.

Logo após me formar fui nomeada na Rede Estadual para professora de Séries Iniciais e iniciei a fazer parte também desta Rede de ensino. Comecei na escola Estadual Santa Marta – uma instituição nova que era grande demanda de um bairro de alta vulnerabilidade social em Santa Maria. Era um bairro de difícil acesso, com muita violência, mas a proposta pedagógica me surpreendeu muito. Encontrei na instituição uma gestão comprometida, um

projeto pedagógico coerente e um trabalho em grupo excepcional. Senti-me realmente valorizada na escola e envolvida com as crianças e colegas. Tudo que estudava teoricamente podíamos propor e fazer. Para mim, uma professora sonhadora, era algo muito motivador! Tive desafios enormes de tentar ensinar a ler crianças com fome, desnutridas, com inúmeras dificuldades.

Como vinha cada vez mais me dedicando a estudar a Educação de Jovens e Adultos organizei um projeto de mestrado, não muito confiante que passaria na UFSM. Mas como a temática de formação era algo muito necessário fui aprovada e desenvolvi meu mestrado na área formação de professores da Educação de Jovens e Adultos. Com o título *Formação de professores e desenvolvimento profissional na educação de jovens e adultos* promovi formação continuada aos professores das séries iniciais da EJA da rede estadual. Através de grupos colaborativos e da investigação-ação desenvolvi uma experiência gratificante para mim enquanto pesquisadora e para os professores que aprenderam coletivamente.

A realização do mestrado me proporcionou acreditar no meu potencial e na minha capacidade de pesquisadora.

Assim, tive a oportunidade de trocar de escola na rede estadual, vindo para uma do lado de minha residência e assumindo como professora das séries iniciais da EJA. Trabalhei dois anos com jovens e adultos, ensinando a ler e a desenvolver-se como cidadãos. Vivi momentos difíceis de ter que dar conta de uma turma com muita diversidade, de estudantes com deficiências, de dificuldades de aprendizagens, de desejo por parte dos estudantes de uma escola tradicional.

Na Escola Estadual Padre Caetano vivenciei também a realidade da EJA ser fechada e aí recebi o convite para ser coordenadora pedagógica das séries iniciais. Um desafio que imaginava ser fácil, mas que foi extremamente desafiador, pois encontrei algumas professoras imensamente engajadas com seu trabalho e outras não muito. Desejava fazer um trabalho construtivo e coletivo, mas algumas pessoas tinham muita resistência.

Após terminar o mestrado meu novo projeto era ser mãe o que aconteceu em 2007, tive minha filha Melissa. Nesse momento histórico, iniciou a expansão da Educação Profissional e vários concursos surgiram. Realizei para então Uned de Júlio de Castilhos, vinculada ao Cefet de São Vicente e passei para pedagoga técnica e em fevereiro de 2008 iniciava uma nova carreira – de servidora da Rede Federal e um novo campo a Educação Profissional e Tecnológica.

Trajetória na educação profissional e tecnológica

A Educação pode mudar a sociedade? A resposta pode ser “Sim”. Mas se, e apenas se, o que fazemos for baseado em projetos maiores que respeitam nossas diferenças, ligado ao processo de construção e defesa de unidades descentralizadas que nos dão força coletiva, como também se estivermos cientes que o caminho será longo e difícil. [...] Desafiar estas estruturas e relações econômicas, sociais e culturais/ideológicas e afetivas pede que trabalhem em muitos níveis e em muitos lugares; em todos os papéis do processo. Alguns deles serão históricos e conceituais, outros envolverão trabalho direto com estudantes e de maneira crítica. Alguns deles serão na construção e defesa de mobilizações coletivas de muitas pessoas que trabalham em escolas ou em/com comunidades; outros serão na formação de futuros professores, para que estejam preparados para ir adiante e continuar o processo de construir uma educação que resista à incorporação de formas dominantes. (Apple, 2017, p. 272)

Optei por este excerto do livro *A educação pode mudar a sociedade?* de Michael Apple (2017), pois o ingresso na Rede de Educação Profissional foi um marco muito significativo na minha vida. O campo da EPT é de muitas possibilidades e construções e isto foi muito motivador para uma pedagoga sonhadora e com muito desejo de fazer a diferença. E a compra desse livro me fez refletir muito, pois eu queria estudar as políticas dos EUA, por uma possibilidade de um projeto e quando abro o livro ele ressalta Paulo Freire e a experiência de Porto Alegre. E acredito muito, que apesar das inúmeras disputas, a EPT é um espaço de transformação de vidas.

Tive a oportunidade de ingressar na Rede Federal concursada, junto a uma nova instituição, em uma cidade com muita expectativa. Éramos quase todos servidores recém concursados e eu me sentia com muita vontade de fazer coisas novas. Não sabia muito bem o que uma pedagoga fazia em uma escola técnica, mas com a parceria de uma professora de Pedagogia, de um psicólogo, de outras duas TAE e alguns professores, os quais destaco meu amigo professor de História – Fábio Marçal nos debruçamos a conhecer a comunidade, a nos envolver com os estudantes e logo tínhamos lutas e convicções.

Por ironia do destino e por força de legislação o Campus iniciava um programa novo – o Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com o Ensino Médio e aqui se renovava minha luta pela EJA. A integração da EJA com a EPT era uma bandeira da militância dos fóruns de EJA e ali inicia e reforça meu desejo de fortalecimento de uma política de integração da EJA com a EPT.

As primeiras turmas que acompanhei foram de desafios imensos – professores sem formação, que não acreditavam que era lugar de jovens e adultos afastados da escola nas escolas federais e cursos técnicos. Sofri muito por estar concursada, com uma infraestrutura excelente e um salário bom, professores altamente qualificados em suas áreas – mestres e doutores, mas uma dificuldade imensa de trabalhar com a política de jovens e adultos.

Logo me envolvi muito com a temática, promovendo estudos e desafiando o grupo a pensar a integração e a problemática da evasão. Instiguei o departamento de ensino e os professores a reunirem-se semanalmente o que foi algo muito significativo, mas que dividia o grupo – os que achavam fundamental para o desenvolvimento do trabalho e os que pensavam ser muito cansativo se envolver com as turmas como estávamos propondo. Neste trabalho, ressurgiu meu envolvimento com a EJA e logo iniciei a estudar, propor e me envolver nacionalmente com a bandeira da EJA-EPT.

Naquele ano – 2008 a EPT passa por uma revolução. A UNED que eu estava recém me apropriando iniciou várias frentes e encerra o ano como Campus de um Instituto Federal. Agora eram 38 institutos federais no Brasil, 3 no RS e 4 campi do IFFAR. Eram muitas frentes, muitas formações e um mundo de possibilidades com a EPT. Assim, surgiram os Campi Alegrete e São Vicente – escolas tradicionais e históricas da EPT, os Campi Júlio de Castilhos e Santo Augusto – recentes Uneds e a Reitoria em Santa Maria.

No IFFAR houve muitos movimentos de construções, seja PDI – que instituição queremos? Discussão de cursos, assistência estudantil, expansão de novos campi, discussões locais e nacionais. Como houve crescimento da instituição e novas vagas, passei a pensar em realizar concurso para docente. No ano de 2009 realizei vários processos seletivos.

Tudo isso totalmente envolvida no campus, em atividades institucionais e muito focada em crescer o Proeja. Iniciei a fazer disciplinas na Ufrgs para o doutorado, coordenei a especialização em parceria com a Ufrgs, coordenei a participação do Campus na chamada da carta convite n. 40/2009, para implantar o Proeja FIC em Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Cachoeira do Sul.

Terminei o ano sendo nomeada para docente do campus Alegrete. Minha vida mudou totalmente. Passei a viajar toda a semana e a ressignificar meu trabalho na EPT. De alguém que não tinha aproximação com a área a uma professora e pesquisadora engajada com a EPT.

Fui docente e primeira professora da área da Educação da Licenciatura em Química do campus Alegrete. Me identifiquei muito com a docência, com os estudantes e com a política de formação de professores da EPT pelas licenciaturas. Amei viver o campus como professora, gostei muito das relações construídas, da forma como o trabalho se organizava.

Porém, desde que se transformou em IF meu desejo era trabalhar na reitoria, por ter uma filha pequena e morar em Santa Maria. Foi quando surgiu a possibilidade de eu trabalhar na reitoria do Ifar como assessora pedagógica.

E assim permaneci durante 4 anos trabalhando na Pró-Reitoria de Ensino e vivendo muitas construções: organização de campus, de cursos, de regulamentos, de eventos, de PPCs, de políticas. De setembro de 2010 a setembro de 2013 permaneci na reitoria. Neste espaço, consegui instituir a luta pela EJA-EPT e promover várias ações, assim como pela primeira vez instituir um grupo de pesquisa. A partir da vivência do grupo e da instituição do espaço da pesquisa percebi que tinha potencial para coordenar estudos e que este também poderia ser uma aliada na minha trajetória.

Na reitoria pude vivenciar a potência dos IF e defender os princípios de formação integral e integrada para que estas instituições foram formadas.

Em 2012, me desafiei a construir um projeto de doutorado e passei a estudar profundamente o fenômeno da EJA integrada à EPT. Iniciei a participação no Kairós – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Políticas Públicas. Como primeira doutoranda pude criar e coordenar dinâmicas em um grupo de pesquisa. E assim, nasceu e desenvolveu-se meu projeto de doutorado, olhando para a política que fez parte de minha vida inteira a EJA – agora por força de legislação PROEJA e mais atualmente EJA-EPT.

Minha tese *Dialética das disputas* foi elaborada na práxis da EPT, trabalhando como pedagoga técnica, como assessora pedagógica, como líder de grupo, como militante da EJA e como descrita no estudo ora sofrendo com as inúmeras disputas que ocorrem nas instituições para implementar, de fato, uma política de educação para os trabalhadores ora percebendo a real necessidade de disputar tal política.

Ao mesmo tempo que acompanhei a historicidade da política nacional e institucional, na tese, pude olhar para seis instituições e ver como ocorriam tais disputas, assim como o desenvolvimento local e o trabalho pedagógico no Rio Grande do Sul.

Interessante registrar que no mesmo dia que escrevo sobre a minha tese vem uma lembrança de 10 anos de doutora. Uma década passa muito rápido! Mas também consigo verificar tudo que construí neste tempo histórico pós-defesa.

Figura 9 –
Banca de Doutorado.



Fonte: arquivo pessoal.

Concomitante a realização do doutorado, em 2013, surge a possibilidade de ser redistribuída para o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, escola vinculada a Universidade de Santa Maria. Um novo mundo da EPT passa a fazer parte de minha vida profissional. Passo, então, a ser professora do componente curricular Psicologia do Trabalho no curso técnico subsequente em Segurança do Trabalho e a me envolver com as questões pedagógicas do colégio. Início a acompanhar o curso de EJA em Eletromecânica e a me envolver com as trajetórias dos estudantes. Acompanho também os cursos integrados e a representar o colégio no Laboratório de Ações Afirmativas da UFSM.

Neste envolvimento passo a desenvolver o projeto de apoio pedagógico como uma ação para a permanência dos estudantes cotistas. Era uma ação de acompanhamento dos estudantes com vistas a diminuir os índices de evasão e repetência que vinham aumentando na universidade e também no Ctism.

Em 2015 defendi minha tese e a seguir passo a descrever minha trajetória pós defesa de doutorado.

Como defendi a tese destacando a política e o trabalho pedagógico na EJA-EPT continuei me envolvendo com a política tanto em nível institucional como nacional, participando de eventos e bancas com este foco. Em 2016, recebi o convite para participar do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Ctism, trabalhando na linha de políticas e gestão da EPT. Desde então, venho orientando pesquisas com foco na EPT, orientando até o momento dezesseis dissertações e coorientando duas. Em 2021 passei a orientar também no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM em nível de mestrado e doutorado, terminando uma dissertação e orientando nove teses, com previsão de término de três teses em 2025.

Pelo trabalho e também pela tese desenvolvida que conceituo o trabalho pedagógico na EPT e também deixo o título deste memorial como ações, relações e transformações. Pois este trabalho constitui-se também a minha vida profissional.

Figura 10 –
Ações e relações na educação profissional.



Fonte: arquivo pessoal.

A partir da orientação nos programas um novo movimento ocorre em minha trajetória, iniciando a me envolver na pesquisa com foco na Educação Profissional e Tecnológica e em 2018 inicio a coordenação do curso de EJA-EPT do Ctism ficando até junho de 2024 em que assumo a coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional do Ctism. A gestão de cursos exige muita dedicação e um olhar cuidadoso para os sujeitos dos cursos. É um grande desafio alinhar os conhecimentos e a gestão democrática, mediando estudantes e servidores na tarefa de viver uma formação. A verdade é que “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes: a questão, porém, é transformá-lo (Marx, 11ª tese sobre Feurbach).

É com esta vivência prática e teórica que o trabalho pedagógico na EPT se evidencia em ações, relações e transformações.

Ações dos sujeitos envolvidos – gestores do pedagógico (diretores, professores, técnicos-administrativos em educação, estudantes), relações estabelecidas entre o planejamento, o diálogo entre os professores e estudantes, o currículo em disputa, as vivências e as transformações dos envolvidos – professores e estudantes e dos sistemas (instituições e políticas). (Maraschin, 2019, p. 172)

Considerações finais

É com lágrimas nos olhos e sentimento de gratidão que encerro este memorial. Posso dizer que até mesmo nos momentos tristes de minha formação e trajetória profissional eu fui uma aprendiz, alguém que busca alternativas para ver o melhor.

É por isso que escolho esta citação de Bell Hooks para abrir as considerações finais. Primeiro, porque me coloco como uma eterna estudante e apaixonada pelo aprender. Sei que este processo é contínuo, inacabado como bem destacou Freire (1996). Segundo, porque enquanto professora acredito que temos que criar estudantes – pensadores críticos. Foi isso que fiz desde minhas primeiras inserções na escola. Lá como uma normalista.

E acredito que, somente hoje, fazendo esta retomada de minha formação consigo compreender que sempre fui construtivista – sempre persegui o trabalho pedagógico crítico e utilizei-me da pedagogia engajada.

A pedagogia engajada produz aprendizes, professores e estudantes autônomos, capazes de participar inteiramente da produção de ideias. Como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura do pensamento crítico. Aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular, individualista e competitiva. Ao escolher e nutrir o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem. (Hooks, 2020, p. 81)

Na atualidade é muito difícil construir a pedagogia engajada, mas felizmente através dos grupos de pesquisa tenho conseguido. A figura seguir, apresenta as produções em livros construída junto aos grupos de pesquisa. Ao que eu lidero – Transformação e o que me vinculei ao doutorado o Kairós – Grupo de Estudo e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Políticas Públicas.

Figura 11 –
Produções em livros, construída com os grupos de pesquisa



Fonte: arquivo pessoal.

Portanto, a partir das ações e relações construídas nesta trajetória e inspirada no livro *Sete lições sobre educação de adultos* (Pinto, 2010), opto por finalizar este memorial destacando sete lições sobre a Educação e o trabalho de professora e duas convicções que levo para a vida, em especial a vida profissional.

A figura a seguir, ilustra as sete lições que descrevo e na sequência minha concepção de cada uma.

Figura 12 –

Sete lições da vida profissional para pensar a educação e o trabalho.



Fonte: autora.

A primeira lição, refere-se a Pedagogia engajada, um conceito a partir de Bell Hooks e que sintetiza todas as outras lições. Esta, recupera uma ação que se assemelha a uma militância e que além de lutar com convicção por alguns pontos coloca os sujeitos no centro, ou seja, estudantes e professores precisam assumir-se como pensadores críticos. Foi isso que persegui minha vida toda como estudante, professora e pesquisadora.

A segunda lição, diz respeito a um conceito trabalhado na tese e que se embasa a partir de Pinto (2010) referente a concepção crítica da educação que se diferencia da concepção ingênua e situa-se como Trabalho pedagógico crítico, que significa: “o estudante é visto como sabedor e desconhecedor, é ‘sujeito’ da educação e a educação consiste em uma nova proporção entre conhecimento e desenvolvimento” (Maraschin, 2015, p. 259). Em minha tese, destaco que estes sentidos críticos e ingênuos disputam no cotidiano do trabalho pedagógico e nas instituições sentidos e lugar. Vejamos a seguir, a partir de outra produção, as sínteses do trabalho pedagógico ingênuo e trabalho pedagógico crítico:

Figura 13 –
Trabalho pedagógico ingênuo versus trabalho pedagógico crítico.

	Trabalho Pedagógico Ingênuo		Trabalho Pedagógico Crítico
Pedagógico	Negado	Dialética das Disputas	Reconhecido
Sociedade	Conformação/reprodução		Transformação
Convivência	Dominação		Diálogo
Políticas	Seguidas		(re)construídas com a realidade
PPP	Copiado		Construído coletivamente
Planejamento	Não ocorre		É constante
Conhecimento	Transmitido/reproduzido		Construído
Livro didático	Lei		Um meio
Objetivos	Reprodutivistas		(re)construídos constantemente
Relações	Tranquilas EXCLUSÃO		Construídas no diálogo e no conflito construtivo INCLUSÃO
Professor	executor		Trabalhador crítico e autônomo
Estudante	ignorante		Sabedor/desconh. SUJEITO
Saber	Conhecimentos absolutos, abstratos, a-históricos		Produto da existência objetiva, concreta
Avaliação	classificatória		Continua e emancipatória

Fonte: Maraschin (2020, p. 61)

A figura demonstra que continuamente estes sentidos organizam-se como dialética das disputas, que expressa “a oposição e luta entre concepções e sentidos diferentes de trabalho pedagógico e disputas relativas a lugar das políticas para os trabalhadores” (Maraschin, 2019, p. 26). Compreende-se que “essas disputas atrapalham o desenvolvimento das políticas e do trabalho pedagógico, pois podem configurar o retrocesso, mas no sentido contraditório podem gerar o novo, a transformação” (p. 26).

Tenho me esforçado para difundir o conceito de trabalho pedagógico na EPT. A seguir apresento quatro dimensões necessárias ao trabalho do servidor da EPT, com algumas compreensões e que futuramente estarei ampliando o entendimento: Dimensão da luta: a luta é essencial para promover mudanças sociais e garantir direitos. Que trabalho temos? O que podemos melhorar no nosso trabalho e ambiente de trabalho? Quais os sentidos de trabalho para os trabalhadores-estudantes? Dimensão da pesquisa: necessidade de buscar a indissociabilidade do ensino, da pesquisa, da extensão e do desenvolvimento institucional no trabalho na EPT. Dimensão da Consciência de classe significa questionar continuamente: qual é a nossa classe? Qual o lugar da classe trabalhadora nas nossas instituições? Dimensão da coletividade: representa a busca do diálogo, da construção coletiva das concepções de EPT e objetivos da instituição do TP desenvolvido. Por isso

questiona-se: onde foi que perdemos a dimensão da coletividade no trabalho? Precisamos resgatar e olhar nossos educandos como processo de formação integral e inclusive, de exemplo de espaços de participação e de coletividade.

Figura 14 –

Dimensões do trabalho pedagógico na educação profissional.



Fonte: autora.

Após ter destacado o trabalho pedagógico crítico e algumas reflexões sobre o trabalho na EPT apresento a terceira lição que é a pesquisa como princípio, que além de ser um fundamento da EPT é algo que acredito que também deve ser assumido pelo trabalhador da EPT, pois através da pesquisa podemos confirmar uma hipótese ou transformar coletivamente realidades educativas. A pesquisa como princípio educativo

está intimamente relacionado ao trabalho como princípio educativo, o qual ao ser assumido no ensino médio integrado contribui para a formação de sujeitos autônomos que possam compreender-se no mundo e dessa forma, nele atuar, por meio do trabalho, transformando a natureza em função das necessidades coletivas da humanidade e, ao mesmo tempo, cuidar de sua preservação face às necessidades dos demais seres humanos e das gerações futuras. A necessária autonomia para que o ser humano possa, por meio do trabalho, atuar dessa forma pode e deve ser potencializada pela pesquisa, a qual contribui para a construção da autonomia intelectual e deve ser intrínseca ao ensino, bem como estar orientada ao estudo e à busca de soluções para as questões teóricas e práticas da vida cotidiana dos sujeitos trabalhadores. (Brasil, 2007, p.48)

Entendemos a pesquisa como princípio enquanto a possibilidade de estimular “o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gera inquietude, para que não sejam incorporados pacotes fechados de visão de mundo, de informações e de saberes, quer sejam do senso comum, escolares ou científicos” (Brasil, 2007, p. 48). Por

isso, além de me envolver com a pesquisa científica na pós-graduação tenho investido na iniciação científica na graduação e no Ensino Médio. E isto tem me proporcionado viver a comunidade acadêmica (Ferreira, 2017) e além de assumir-me como intelectual, tenho contribuído para desenvolver intelectuais desde o Ensino Médio.

Como intelectual que é, todo profissional da educação precisa comprometer-se com o estudo e com a pesquisa, bem como posicionar-se politicamente. Precisa, assim, situar-se frente aos problemas econômicos, sociopolíticos, culturais e ambientais que hoje nos desafiam e que desconhecem as fronteiras entre as nações ou entre as classes sociais. (Moreira; Candau, 2007, p. 31)

Assim, como consequência desta lição, vem a quarta que é a Leitura como ferramenta, pois principalmente em tempos de fakenews e tiktok precisamos recuperar a leitura, não aquela lá de minhas séries iniciais como frequentadora assídua da biblioteca e leitora individual, mas como leitura coletiva e reflexiva, como uma dialética “enquanto uma postura, ou concepção de mundo; enquanto um método que permite uma apreensão radical (que vai à raiz) da realidade e, enquanto práxis, isto é, unidade da teoria e prática na busca da transformação e de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica” (Frigotto, 2010, p. 79).

Dessa forma, tenho procurado por meio do grupo de pesquisa e das disciplinas incentivar a leitura⁴ para que esta seja nossa arma e nossa estratégia de crescimento e criticidade. “Ler é descortinar muitas leituras possíveis, é dilatar os horizontes das próprias percepções, horizontes dos muitos mundos abertos à inventividade criativa” (Marques, 2001, p. 10). E por isso, na sequência me baseio também em Mario Osório Marques “Escrever é preciso, pesquisar sempre, reconstruir de contínuo nossas aprendizagens (p. 11).

⁴ A figura 15 registra algumas principais referências e que com certeza continuarão auxiliando a pensar novas produções.

Figura 15 –
Principais referenciais.



Fonte: arquivo pessoal.

A quinta lição é algo que passou ter muito sentido em minha vida profissional que é o grupo como militância – transformação⁵. O que mais tenho ouvido é que a participação no grupo tem possibilitado inúmeras transformações na sua vida e isso me anima muito, pois as vezes no dia-a-dia com os colegas é muito difícil construir relações e interlocuções para trabalhos integrados e esta integração que o grupo possibilita de estudo, reflexões, produções e vivências acadêmicas de estudantes de diferentes níveis e de servidores da educação tem sido muito motivador e consigo observar o crescimento contínuo e o engajamento para a produção e criação de ambientes acolhedores e emancipadores. Pelo grupo e com os integrantes constitui-se uma comunidade acadêmica.

Quando se fala em comunidade, está-se, em primeiro plano, referindo à convivência, ao sair de si e ir ao encontro do outro. No plano social ampliado, vive-se em comunidades, diferentes pertencas, pelas quais o ser humano se movimenta cotidianamente: a família, o bairro, a universidade etc. Aplicada ao mundo científico, surge a noção de comunidade científica, ou, como se prefere denominar, comunidade acadêmica. Não se está abordando aquela

⁵ A figura 16 apresenta ações do Grupo de Pesquisa Transformação e demonstra as diferentes relações construídas.

por

denotar ter como princípio a produção científica, enquanto esta, defende-se, vai além; inclui pensar também os sujeitos em suas organizações. (Ferreira, 2017, p. 104)

E, nesta comunidade acadêmica advém a construção de vínculos e dessa subjetividade uma condição de cooperação: cooperação que se apresenta como a proximidade entre os sujeitos que, então, transcendem sua individualidade e vão ao encontro do outro para juntos produzirem algo que contém características de ambos” (p. 106).

Figura 16 –
Ações e relações do Grupo de Pesquisa Transformação.



Fonte: arquivo pessoal.

Assim, advém uma ferramenta fundamental nas pesquisas em Educação que é o grupo de interlocução e esta é a sexta lição – a interlocução como respeito e responsabilidade: dos dezesseis trabalhos de dissertações realizados, dez tiveram a etapa de grupo de interlocução e em cada estudo finalizado destaca-se este momento como uma

importante etapa de retorno e respeito aos pesquisados. Em recente grupo de interlocução sobre esta ferramenta ratificou-se a importância deste para o impacto das pesquisas nas realidades. Sendo assim, este configura-se como estratégia de respeito aos pesquisados e de responsabilidade do pesquisador. Um estudante de mestrado registrou em seu estudo.

A etapa da pesquisa que compreendeu o Grupo de Interlocução configurou-se em um importante momento de reanálise dos dados produzidos e de repensar o trabalho pedagógico desenvolvido. Ao pesquisador e, supõe-se, aos demais sujeitos da pesquisa, este instrumento qualitativo, revelou-se gratificante e fascinante. Gratificante porque consolida o estudo realizado com a chancela dos sujeitos da pesquisa sobre os dados produzidos. Fascinante porque é um dos momentos em que a práxis se realiza coletivamente, manifestando-se outras questões antes não visualizadas. (Andrighetto, 2019, p. 107)

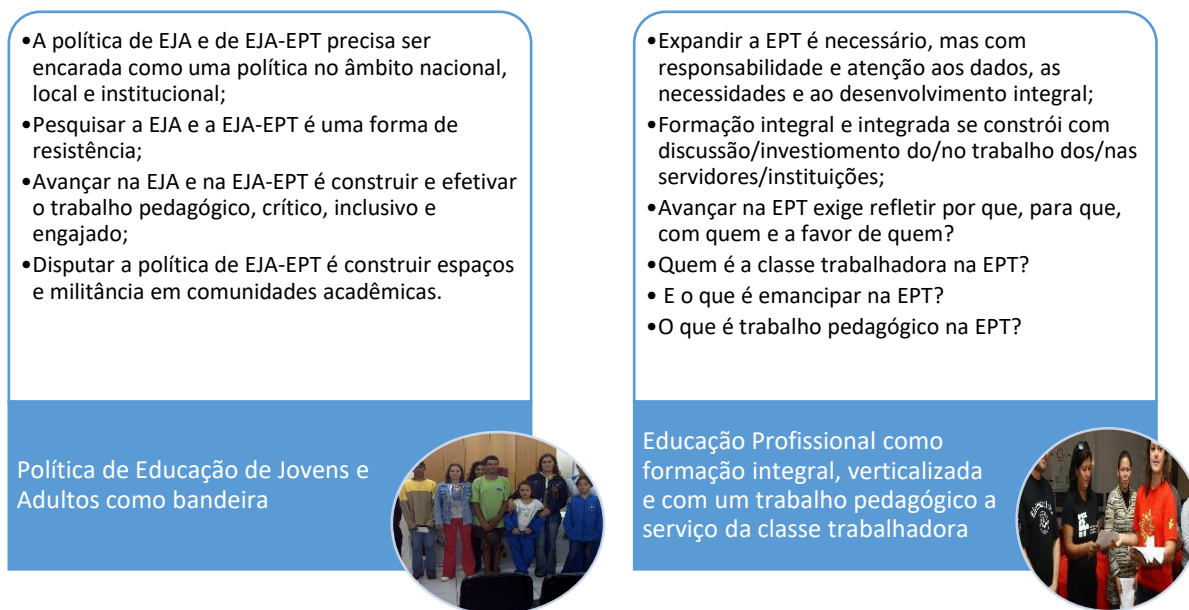
Então, esta será uma meta para os próximos estudos – continuar realizando o GI como forma de contribuir para a formação e transformação humana pela pesquisa, pois “os grupos de interlocução nas pesquisas são importantes espaços de reconstrução e ressignificação dos estudos, do trabalho pedagógico e da práxis educativa” (Winter et al, 2022, p. 44).

E como última lição deste memorial apostamos na gestão democrática e pedagógica. A primeira porque está cada vez mais escassa esta vivência e assumir uma gestão verdadeiramente democrática tornou-se um grande desafio na EPT e a segunda porque minha trajetória principalmente na EPT mostrou a negação do pedagógico (Maraschin, 2020).

Construir uma gestão democrática e pedagógica permite, no meu entendimento, vencer os principais desafios atuais das políticas e do trabalho pedagógico, que são vencer a evasão e construir uma política e um trabalho pedagógico coerente com as necessidades da classe trabalhadora. Ao vivenciar a pedagogia engajada e entender os sentidos críticos do trabalho e da tecnologia estar-se-á possibilitando construir ações, relações e transformações, que foi como concebi o trabalho pedagógico na EPT na minha tese e que ao explicitar toda esta trajetória de formação, conquistas, lutas e reflexões fica evidente. Ao viver ações e construir relações ou não, observa-se as transformações que vão do individual ao coletivo e vice-versa.

E para concluir, se isto é possível, apresento minhas duas convicções construídas nesse espaço-tempo e que me impulsionam a continuar produzindo. Estas estão sistematizadas no quadro a seguir.

Figura 17 –
Convicções e lutas da pesquisadora



Fonte: autora.

Com convicções e questionamentos se encerra um ciclo e se joga em outro com a certeza que se viveu, produziu e transformou-se com ações, relações e transformações e que cada vez mais acreditamos que não somos o que produzimos e nosso lates, mas as vidas que convivemos, que nos relacionamos e apesar de ser um termo neoliberal “aprendemos a aprender” sempre, mas também temos que desaprender continuamente e investir em escolas que aprendem, escolas humanizadoras, escolas acolhedoras e inclusivas e escolas transformadoras de gentes, de índices, de sentidos, de sonhos.

Referências

- ANDRIGHETTO, Marcos José. *Educação de jovens e adultos integrada à educação profissional e tecnológica: movimentos e dialeticidade do trabalho pedagógico*. Santa Maria: UFSM, 2019. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria.
- APPLE, Michael W. *A educação pode mudar a sociedade?* Petrópolis: Vozes, 2017.
- BRASIL. *Documento base educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio*. Brasília, 2007. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf Acesso em 20 de abr. 2025.
- FERREIRA, Liliana Soares. Comunidade acadêmica: a orientação como interlocução e como trabalho pedagógico. *Acta Scientiarum. Education*, v. 39, n. 1, 2016, p. 103-111.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- FRIGOTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2010.
- HOOKE, Bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.
- MARASCHIN, Mariglei Severo. *Dialética das disputas: trabalho pedagógico a serviço da classe trabalhadora*. Santa Maria: UFSM, 2015. 317f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria.
- MARASCHIN, Mariglei Severo. *Trabalho pedagógico na educação profissional: o Proeja entre disputas, políticas e experiências*. Curitiba: Appris, 2019.
- MARASCHIN, Mariglei Severo. Trabalho pedagógico na educação profissional: da negação do pedagógico ao trabalho pedagógico crítico. In: FERREIRA, Lílilana Soares et al. *Trabalho pedagógico na educação profissional e tecnológica em diferentes contextos: desafios e reflexões*. Curitiba: CRV, 2020.
- MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2001.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. *Conhecimento e cultura*. Brasília: MEC/SEB, 2007.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1969.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. São Paulo: Cortez, 2010.
- TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- WINTER, Shirley Bernardes; MARASCHIN, Mariglei Severo; LAMPE, Leandro. Grupos de interlocução como possibilidade de práxis na e pós-pandemia: uma experiência em pesquisa na EJA-EPT. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 9, n. 6, 2022, p. 33-45.